

ORGANIZANDO O TRABALHO COM VÍDEO EM SALA DE AULA

Mônica Cerbella Freire Mandarin

Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO

Mestre em Matemática

Resumo: Assumindo como pressuposto que a utilização de vídeos em processos educativos depende de um planejamento criterioso, discutimos no presente texto a utilização do vídeo em sala de aula e apresentamos algumas sugestões para a leitura e análise deste tipo de recurso audiovisual de modo a aproveitá-lo de forma adequada e competente. Discutimos a importância e apresentamos sugestões para a organização do acervo de vídeos e para a criação de catálogos visando facilitar a consulta e escolha de um vídeo por professores que queiram utilizá-lo não apenas um apêndice da aula, mas como um instrumento que contribua de fato para do processo de ensino e aprendizagem e para a formação e/ou construção de conceitos. Finalizamos apresentando uma lista de questões que devem ser consideradas durante o visionamento e análise de um produto audiovisual para uso pedagógico.

INTRODUÇÃO

Você é professor ou professora e trabalha no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Em sua função de educador ou educadora você está sempre preocupado(a) com a formação de seus alunos e procura sempre se atualizar. Para isso, faz cursos, lê revistas, artigos ou livros sempre que possível. A escola em que você trabalha tem TV e vídeo e há algumas fitas disponíveis. Seus alunos adoram assistir TV e sempre chegam comentando os programas que vêem. Você resolve, então, aproveitar essa animação provocada pelo entretenimento dos programas de TV e utilizar o vídeo em sua sala. Provavelmente, neste momento, você se depara com algumas questões: como usar o vídeo na sala de aula? Como planejar a aula? Como discutir com os alunos as cenas e mensagens mostradas no vídeo? Como levar a turma a fazer uma leitura consciente destas mensagens? Que atividades propor aos alunos antes e/ou depois de assistirem ao vídeo? Como conciliar o vídeo com o programa a ser cumprido?

As questões acima representam algumas das dúvidas levantadas por professores que desejam usar o vídeo, não apenas como um apêndice da aula, mas como um instrumento que contribua de fato para o processo de ensino e aprendizagem, para a formação e/ou construção de conceitos e para as relações interpessoais desenvolvidas no ambiente escolar. Considerando a inexistência de uma resposta única para as questões apresentadas, e tomando como pressuposto que a utilização de vídeos em processos educativos, como qualquer outra atividade pedagógica, pressupõem um planejamento criterioso, discutimos a utilização do

vídeo em sala de aula. No entanto, a introdução de um recurso audiovisual, produzido muitas vezes com propósitos distintos daqueles pretendidos pelo professor, exige cuidados especiais. Assim, apresentamos algumas sugestões para a análise e leitura do vídeo de modo a aproveitá-lo de forma adequada e competente, não apenas do ponto de vista dos conteúdos curriculares, mas buscando um aproveitamento pleno, inter e transdisciplinar e principalmente estimulando a alfabetização do olhar. Terminamos este artigo levantando algumas questões que devem estar presentes numa análise e no momento de escolher um vídeo, ou programa de TV, que será utilizado no planejamento de uma aula.

A LINGUAGEM DA TV E DO VÍDEO

Sabemos que o vídeo ou a televisão, por si só, não garantem uma aprendizagem significativa. A presença do(a) professor(a) é indispensável. É ele/ela, com sua criatividade, bom senso, habilidade, experiência docente, que deve ser capaz de perceber ocasiões adequadas ao uso do vídeo. No entanto, criatividade, bom senso, experiência, não surgem do nada.

A sociedade contemporânea é caracterizada pela multiplicidade de linguagens e por uma forte influência dos meios de comunicação. É preciso que o professor entenda as linguagens do cinema, da TV e do vídeo e que possa identificar suas potencialidades e peculiaridades. O professor precisa estar preparado para utilizar a linguagem audiovisual com sensibilidade e senso crítico de forma a desenvolver, com seus alunos, uma alfabetização audiovisual.

As técnicas básicas de filmagem, desenvolvidas pelos cineastas, deram origem à linguagem audiovisual. A TV, apesar de ter herdado do cinema suas primeiras técnicas, possui hoje linguagem, ritmo e objetivos próprios. Uma diferença básica entre as obras de cinema e de televisão é que, enquanto a primeira produz mercadoria cultural que poderá ser explorada durante vários anos, a televisão tende a produzir programas para serem consumidos no instante da sua difusão. Outra característica típica da linguagem da TV é basear-se em fragmentos de realidade, pedaços de informação e muita agilidade. Além disso, com a transmissão via satélite, criou-se a possibilidade de a TV trazer para nossa sala, em tempo real, outros povos, outras culturas, outros lugares.

O vídeo, primeiramente concebido como um meio de divulgação do cinema, é hoje a base de divulgação da linguagem audiovisual como um todo. Ele tornou acessível o registro e a documentação histórica das produções audiovisuais; a facilidade de ver, rever e analisar um produto audiovisual; a possibilidade de intervir parando, pausando, mudando o ritmo e até alterando uma seqüência de imagens.

A TV E O VÍDEO EM SALA DE AULA

"A televisão não pode ser compreendida em si. Ela não é um instrumento puramente técnico, o uso dela é político." FREIRE¹

Por oferecer recursos vantajosos para o trabalho pedagógico vamos considerar o vídeo como o principal instrumento de trabalho com a linguagem audiovisual. Nesse sentido, gostaríamos de reafirmar e ressaltar sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Vídeos têm a capacidade de mostrar fatos que falam por si mesmos, mas necessitam do professor para dinamizar a leitura do que se vê. Gadotti ² afirma que "a educação sendo essencialmente a transmissão de valores, necessita do testemunho de valores em presença. Por isso, os meios de comunicação e a tecnologia não podem substituir o professor".

A utilização de programas de vídeo como instrumento didático depende de uma análise competente do material disponível. A utilização de fitas de vídeos **pré-gravadas, visionadas, avaliadas e selecionadas** torna possível uma escolha consciente, por parte do professor ou equipe de professores, dos programas de TV ou filmes que atendam aos objetivos do planejamento educacional. Segundo Moran,

"O professor deve poder documentar o que é mais importante para o seu trabalho, ter o seu próprio material de vídeo assim como tem os seus livros e apostilas para preparar suas aulas. O professor estará atento para gravar o material audiovisual mais utilizado, para não depender sempre do empréstimo ou aluguel dos mesmos programas". ³

A criação de um acervo escolar de fitas, ou seja, de uma videoteca escolar, é, entretanto, uma das principais dificuldades apontadas por professores segundo as pesquisas do Nepp/Unicamp/1997 e da Fipe/USP/1998⁴. Os argumentos levantados pelos professores foram principalmente "a falta de tempo (37%) ou a ausência de pessoas responsáveis pelas gravações (55%)". Seguindo este raciocínio podemos deduzir que a criação de acervos, sua organização e catalogação ficam prejudicadas, o que acarreta o uso indevido e não planejado deste recurso tecnológico. Um exemplo disso é apontado em pesquisa realizada pela BBC com professores do Reino Unido⁵. Apesar da maior valorização profissional e tempo de experiência no uso da TV com fins educacionais daqueles professores, muitos utilizam os programas educativos assistindo-os pela primeira vez em conjunto com os alunos durante sua exibição. Esta prática, desaconselhável, deve ser evitada. Para isso, é preciso que o professor ou, como seria melhor, a equipe de professores da escola, crie um catálogo próprio, no qual seja possível encontrar uma análise básica do produto.

O vídeo só deve ser utilizado como estratégia quando for adequado, quando puder contribuir significativamente para o desenvolvimento do trabalho. Nem todos os temas e conteúdos escolares podem e devem ser explorados a partir da linguagem audiovisual. A cada conteúdo corresponde um meio de expressão mais adequado. "Cada canal de comunicação codifica a realidade de maneira diferente e influi de forma surpreendente no conteúdo da mensagem comunicada. Um meio não é somente um envelope que contém uma carta : é, em si mesmo, uma importantíssima parte da mensagem."⁶

Ao analisarmos um vídeo é preciso verificar todas as suas potencialidades para o processo de ensino e aprendizagem. A partir desta análise é que se torna possível a construção dos planos de aula. Destacamos a seguir alguns pontos a serem considerados no planejamento de uma aula com vídeo:

- Ao explorar um vídeo, deve-se fazer analogias com outras concepções, métodos, técnicas e resultados que já foram ou podem ser explorados em sala de aula;
- O vídeo pode ter a função de apresentar conceitos novos ou já estudados no sentido de motivar o aluno, despertar a curiosidade e interesse, além de transmitir as idéias básicas relacionadas com o conteúdo da aula;
- O vídeo deve ser complementado pela apresentação dos conceitos/conteúdos na forma textual. O texto pode ser mais linear, detalhado e acrescido de exercícios de fixação e aplicação. Vídeos e textos devem se complementar mutuamente;
- O vídeo tem a capacidade de aproximar o conhecimento científico do cotidiano, fazendo com que algumas concepções do senso comum passem a se fundamentar nas ciências;
- A dinâmica e o tempo de aula devem ser bem planejados, pois o uso do vídeo pressupõe sempre a atuação do professor;
- O vídeo pode ser usado como instrumento de leitura crítica do mundo, do conhecimento popular, do conhecimento científico e da própria mídia.

A ESCOLHA DO RECURSO AUDIOVISUAL

Quando se fala em **analisar e escolher** um material didático - qualquer que seja ele - é comum associarmos esta tarefa à idéia de determinar a qualidade do material. Mas o que é qualidade?

Etimologicamente *qualitas* significa *essência*; assim alguma coisa teria qualidade somente se fosse essencial, importante, relevante. Qualidade também costuma estar associada àquilo que é perfeito. Mas, o que significa perfeição? Ou ainda, será que a perfeição é possível?

Toda produção humana faz parte de um processo em evolução, em desenvolvimento, buscando sempre aperfeiçoá-la. Não há perfeição definitiva! "O exemplo dos computadores é paradigmático. Todo modelo novo é feito para ser superado"⁷. No caso das produções televisivas ou fílmicas, os padrões de qualidade também se superam com os avanços tecnológicos e bastam poucos anos para que aquilo que se considerava ótimo já esteja superado.

Vejamos então o que consideramos importante quando falamos em analisar uma produção televisiva ou fílmica **para fins didáticos**.

Em primeiro lugar, esta tarefa não deve ser realizada para estabelecer classificações e separações entre o que tem pouca, média ou muita qualidade. O importante é identificar e descrever todos os aspectos envolvidos no produto,

desde as propriedades técnicas até as mais subjetivas relacionadas aos sentidos e às emoções.

Em segundo lugar, não há como estabelecer parâmetros gerais de qualidade. Lembre-se sempre que o que é bom para uma finalidade pode ser desastroso para outra. Vejamos alguns exemplos de situações bastante comuns. Um vídeo pode ser tecnicamente ultrapassado, mas funcionar maravilhosamente como documento histórico da própria televisão, ou para análise do momento histórico-social em que foi criado, ou ainda por tratar competentemente de um conteúdo curricular. Um vídeo com algum erro conceitual pode ser usado para que os alunos identifiquem e discutam possíveis erros. Um vídeo que aborde algum assunto a partir de uma visão politicamente incorreta pode ser discutido pelos alunos como contraponto na construção de visão crítica de mundo.

Os exemplos acima evidenciam que o mais importante, quando analisamos um produto audiovisual, é ter em mente o que pretendemos com seu uso em sala de aula. Quais são nossos objetivos e até que ponto um programa ou filme consegue atendê-los, apesar de peculiaridades ou imperfeições que podemos superar com um bom planejamento de sua utilização. Para que haja integração do vídeo ao ensino é importante que a avaliação se converta em uma prática constante. O professor deve sempre assistir e analisar o material que pretende utilizar para poder planejar sua aula a partir de seus paradigmas educacionais.

A efetiva utilização de vídeos é que poderá resultar no desenvolvimento de *padrões de qualidade* tanto para o processo de produção quanto para a utilização de programas didáticos. Acreditando nesta premissa e na importância de ouvir o professor, sua prática, suas dificuldades e suas crenças, algumas instituições vêm desenvolvendo pesquisas junto a professores que usam a TV e o vídeo em suas aulas⁸. Talvez devido a já citada falta de tempo detectamos que o critério mais freqüente de escolha de um vídeo, para uso em sala de aula, seja a indicação de um outro professor.

Esta indicação é feita, na maioria das vezes, de modo informal e sem a preocupação com o registro. Não seria bom se você pudesse encontrar a análise, os comentários, a atividade planejada e uma avaliação do que efetivamente ocorreu? Certamente que sim! Melhor ainda seria se os professores criassem, para o acervo da escola, um catálogo com as avaliações dos vídeos no qual, além de uma ficha básica, pudessem encontrar comentários sobre cada vídeo, formas de utilização adotadas e uma avaliação dos resultados alcançados.

Reconhecendo as dificuldades encontradas na prática docente como o excesso de trabalho, falta de tempo – acrescidas dos baixos salários - ressaltamos que os critérios de qualidade e o próprio uso do vídeo em sala de aula devem ser encarados como projeto coletivo dos profissionais de uma escola. "É possível, por meio de um trabalho de preparação e sistematização de procedimentos, economizar tempo e energia"⁹.

A ORGANIZAÇÃO DO ACERVO

Um vídeo é o somatório de diversos elementos que devem funcionar de forma integrada. Quando analisamos um vídeo podemos distinguir e avaliar o formato, o texto falado, as imagens, a música e os efeitos sonoros, os efeitos especiais, o ritmo, a densidade dos conteúdos, o clima criado, etc. No entanto, é a integração destes elementos que faz com que um programa consiga criar algum interesse e expectativa, prendendo a atenção do espectador.

Um primeiro passo para facilitar a análise de programas, e que deve fazer parte da organização do um material disponível em uma videoteca escolar, é a criação de uma forma de identificação básica para *cada fita* e outra para *cada programa* do acervo. Na maioria dos acervos escolares uma mesma fita de vídeo é utilizada para a gravação de diversos programas, o que é importante por questões econômicas e de espaço físico para guardar o material. Assim, há necessidade de uma ficha de identificação de cada fita que possibilite a localização de todos os programas que ela contém. Nesta ficha, que deve ter uma cópia em etiqueta colada na fita podemos anotar apenas o título, a duração e o tempo de início de cada programa. Não podemos confundir esta identificação com uma outra documentação necessária a todos os programas do acervo, estejam eles numa mesma fita ou não. Esta tarefa de análise e documentação, que pode parecer exaustiva à primeira vista, é fundamental para agilização futura do trabalho com o material disponível. Como já mencionamos, o ideal seria que este fosse um trabalho coletivo dos profissionais da escola e que, se tornando uma prática, passaria a ser desenvolvido sem muito esforço. Se a cada programa assistido e selecionado para utilização pedagógica por algum professor da escola for criada uma ficha de análise e avaliação, em um determinado momento, todo o acervo selecionado estará identificado, analisado e avaliado. É preciso apenas alguma disciplina e ter em mente que este projeto não precisa ser realizado em curto prazo.

ALGUNS CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Para auxiliá-lo um pouco mais na análise de produtos audiovisuais para fins didáticos vamos apresentar uma listagem de questões** que, acreditamos, podem auxiliar em uma avaliação bastante completa de um programa. Não pretendemos ser exaustivos, ou seja, não acreditamos que seja possível oferecer uma pauta completa de análise e avaliação, já que sempre haverá questões específicas de cada professor, de cada escola, de cada proposta curricular, etc.

Talvez você considere nossa listagem de questões muito extensa, mas, nem sempre precisamos ser tão minuciosos, qualquer análise dependerá, como já foi dito, dos objetivos de utilização do produto.

Aspectos Gerais / Formato:

- O programa consegue criar expectativas, despertar o interesse do espectador?
- Em que se baseia o interesse do programa?
No tema abordado?
Na maneira como é tratado?
- O vídeo foi produzido para fins educativos?

Mensagem:

- O **tema** é apropriado à linguagem audiovisual?
O que a possibilidade de visualização acrescenta?
O tema pode ser desenvolvido de forma mais eficaz por intermédio de outras linguagens?
Que outros tratamentos e enfoques podem ou devem ser acrescentados?
- Que **conteúdos** curriculares das diferentes disciplinas escolares são abordados?
Os conteúdos são adequados ao currículo oficial? E ao currículo da escola?
Os conteúdos são adequados ao nível de compreensão dos alunos?
A metodologia utilizada para apresentação dos conteúdos está em consonância com um enfoque escolar?
Os conteúdos correspondem a uma unidade completa, a alguns tópicos, ou a um conjunto de unidades temáticas?
- A abordagem do tema é **atual** ou já existem novos enfoques ou tendências?
O tratamento dado aos conteúdos está atualizado?
Há outros enfoques, tendências, abordagens ou descobertas científicas que precisam ser exploradas? Quais? De que forma?

-
- O programa possibilita o trabalho interdisciplinar? Com quais disciplinas?

O tema e os conteúdos são adequados ao tratamento de temas transversais como sexualidade, ética, meio ambiente, etc?

A forma de tratar os conteúdos é adequada ao processo de ensino e aprendizagem da escola?

- Todos os aspectos relacionados com o tema e/ou conteúdos foram abordados?

Com qual **profundidade**?

Com qual **abrangência**?

A quantidade de informação é: insuficiente / superficial; suficiente / adequada; demasiada / complexa?

Que complementos e aprofundamentos são necessários?

Linguagem:

- Qual o tipo de linguagem empregada?

Valoriza mais as imagens ou a linguagem verbal?

Valoriza a dimensão emotiva, a imaginação e a sensibilidade?

Comunica idéias por meio das emoções? Quais? Como?

- A obra utiliza adequadamente os recursos da linguagem audiovisual ou é apenas um discurso verbal ilustrado por imagens e acrescido de uma música de fundo?
- Utiliza efeitos sonoros para valorizar a mensagem?
- Utiliza efeitos visuais (gráficos, animações, legendas, etc.) para reforçar a mensagem?
- Os elementos da linguagem audiovisual (imagem, efeitos visuais, música, efeitos sonoros e a palavra falada) são dosados e se complementam de forma eficaz evitando a monotonia e o cansaço?
- A estética das imagens atrai e é compreendida com facilidade, ou há subjetividades de difícil interpretação?
- A linguagem verbal é coloquial, regional, formal ou científica?

Está ao alcance da faixa etária e do contexto social dos alunos?

Será necessário um trabalho prévio com alguns termos usados para que a obra possa ser compreendida, ou a exploração do vocabulário pode ser feita após a exibição sem perdas para a compreensão da mensagem?

Concepções e ambientação:

- Quais preocupações e práticas sociais podem ser identificadas no vídeo?

Há relação com o cotidiano?

As práticas sociais apresentadas são do conhecimento dos alunos ou devem ser exploradas? De que forma?

As práticas sociais são enfocadas de forma preconceituosa? Como?

- Há personagens?

Se houver, que relações interpessoais são apresentadas? (relações de parentesco, relações profissionais, relações de amizade, relações de amor e afeto, etc.)

De que forma estas relações são tratadas?

Há preconceito? De que tipo?

- O programa explora apenas imagens de estúdio ou de animação ou apresenta imagens externas?

Se há externas, em que lugares se passam as cenas?

Como este ambiente é apresentado?

Os ambientes e lugares apresentados são do conhecimento dos alunos ou devem ser explorados? De que forma?

- Como são tratadas as questões acerca das atitudes e dos valores **sociais** ?

Questões para aproveitamento pedagógico:

- Qual a função básica do vídeo: informar, motivar, ilustrar, sensibilizar, fixar conteúdos, facilitar a compreensão, aplicar conteúdos em situações variadas, reforçar conteúdos, etc?
- O vídeo foi concebido didaticamente?

Há clareza e precisão no tratamento da mensagem (tema / conteúdo)?

Há erros conceituais?

Os assuntos são encadeados com nível crescente de dificuldade?

- O vídeo possibilita ou suscita a comunicação e um trabalho posterior à exibição?

Sugere, de alguma forma, a ampliação da informação por outros meios?

Estimula a curiosidade, a pesquisa, a discussão, a polêmica?

- A duração do vídeo permite que sejam planejadas as atividades complementares necessárias a uma verdadeira compreensão e exploração do tema / conteúdos?

A duração é adequada ao tema e à idade dos alunos?

A duração de cada parte é adequada ao conjunto da obra?

- O vídeo seria mais bem aproveitado se trabalhado em partes? Por quê?

Há pontos de corte para se trabalhar o vídeo por partes? Quantos? Quais? Em que tempos da fita?

- Valoriza o conhecimento prévio dos alunos? A cultura popular?

O espectador participa ou não da construção do conhecimento?

- No caso de vídeos didáticos ou científicos que procedimentos são usados?

Que atitudes são valorizadas?

Como o conhecimento é concebido?

O programa valoriza a exposição, a discussão, a prática/aplicação ou a crítica ?

Como o ato de estudar é concebido e estimulado?

- Caso o programa seja de comunicação social – dirigido ao público em geral – como poderá ser utilizado para fins educativos?

REFERÊNCIAS

¹FREIRE, P. & GUIMARÃES, S. *Sobre educação : diálogos*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984

²GADOTTI, M. *A escola e a pluralidade dos meios*. Revista Escola & Comunicação, Rio de Janeiro, FRM, n.6, 1994.

³MORAN, J.M. *O vídeo na Sala de Aula*. Revista Comunicação e Educação, n.2, Editora Moderna, 1994.

⁴Edição especial da Revista TV Escola, julho de 1998.

⁵Edição especial da Revista TV Escola, dezembro 1997, p.18.

⁶CARPENTER, E. *Los nuevos lenguagens en el aula sin muros*. Barcelona : Laia, 1974

⁷DEMO, P. *Questões para a teleducação*. Petrópolis : Vozes, 1998.

⁸MANDARINO, M.C.F. *O Perfil das Escolas Pólo: Um Estudo a partir dos Dados da Pesquisa: Indicadores Metodológicos para Produção e Utilização do Vídeo Educativo*. Rio de Janeiro, 2001 (mimeo)

⁹NAPOLITANO, M. *Como usar a televisão na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999.

* Referimo-nos a duas pesquisas: uma desenvolvida na Universidade do Rio de Janeiro/UNIRIO e a outra, na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ. Ambas trabalham com professores vinculados à Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

**As questões aqui apresentadas se baseiam em nossa experiência de catalogação do acervo da Videoteca da CEAD/UNIRIO, na pesquisa que estamos desenvolvendo com Escolas Municipais do Rio de Janeiro e na contribuição de outros autores como Napolitano (1999).